



CONTINUA MATANDO OS PARAKANÃ

O nosso correspondente em Cametá do Tocantins-Pará informa que os índios **Parakanã** da região do Lontra continuam morrendo, porque a FUNAI e a ELETRONORTE, que haviam assinado um acordo em Brasília para indenizar os índios, não cumpriram tal acordo e a verba não foi liberada. O "Projeto Parakanã" está praticamente parado e os índios duramente golpeados pela Transamazônica e pela Hidrelétrica de Tucuruí estão se acabando gradualmente.

Nos n.ºs. 9 e 10 do Porantim (junho e julho de 1979), já havíamos denunciado o fato de que a Eletronorte não liberou a última parte da verba. Em números seguintes, publicamos entrevista com o antropólogo A. C. Magalhães, responsável pelo "PROJETO PARAKANÃ", onde ele denunciava o mesmo fato. A situação continua se agravando cada vez mais.

Já há algum tempo, no Sudoeste do Pará, gripe, disenteria, poliomielite, envenenamento, malária, chacinas, fome e destruição de valores vêm sendo o resultado real que a expansão extrativa e pastoril e, mais recentemente, a Transamazônica e a Hidrelétrica de Tucuruí estão trazendo à região do Lontra, ameaçando de extinção os **Parakanã** que habitam a área.

A Transamazônica e a hidrelétrica de Tucuruí foram projetos que além de não obedecerem a uma planificação racional, não levaram em consideração os interesses dos povos que habitam essa proximidade.

Em 1977, a opinião pública nacional e internacional pressionou autoridades para que se cumprisse as leis do Estatuto do Índio, fazendo com que se criasse o "Projeto Parakanã" que encarregou o antropólogo A.

C. Magalhães de preparar e dirigir a transferência das comunidades indígenas.

A FUNAI e a ELETRONORTE comprometeram-se, num acordo assinado em Brasília, de indenizar os índios com uma verba de Cr\$ 800.000,00 a ser liberada em três parcelas. O projeto encontra-se paralizado porque a última parcela da verba ainda não foi liberada.

Segundo notícias vindas da Prelazia de Cametá do Tocantins-Pará, "o projeto de relocação da aldeia do 3.º acampamento para o alto Cajazeiras vai a passo de jaboti, com muita confusão, indeterminação e falta de verbas. Levam materiais de construção, peões para roçar na área, mas nada é resolvido".

Na aldeia do rio Lontra a enfermeira Célia foi substituída por um rapaz e quem manda e desmanda no local é um tal de Fiorello Parisi; já no 3.º acampamento, que fica no km 67 do ramal Tucuruí (repartimento BR-442) quem manda é o Felipe.

A FUNAI diz que o perigo de mortes e doenças graves já passou, mas a ameaça de que isso aconteça continua pois quando a estrada for desviada, a nova aldeia ficará próxima demais. Enquanto isso, os indígenas do Lontra permanecem na área, na cabeceira do Igarapé Murici, longe uns 30 km de repartimento (km 156 da Transamazônica).

O projeto da serraria do Pucuruí fracassou. Enquanto se julga os responsáveis, tudo permanece parado. Os operários se retiraram da área e dizem que o IBDF vai tomar conta da serraria.

Até 15.02.80 parecia certa a venda da serraria mediante concorrência pública. Várias firmas — a Camargo Correa, entre

outras — queriam adquiri-la.

Tudo foi suspenso meia hora antes de abrir a licitação de venda na prefeitura de Tucuruí, com o pessoal vindo para isso, pois o IBDF iria tocar o projeto, enquanto todo o pessoal se espalhou; uns ficaram na FUNAI, outros saíram para firmas de Tucuruí, Breu (IHCOTAL) e para a Transamazônica.

PORANTIM
EM DEFESA DA CAUSA INDÍGENA
MANAUS - ANO II N.º 9 - JULHO/79
CR\$ 20,00

O MATANDO OS PARAKANÃ - QUEM?

CARTA CONFIRMA NOMES DOS ASSASSINOS DE 40 ÍNDIOS DA CHACINA DE TAPAUÁ-AM. P. 11

D. TOMÁS ABRE O JOGO SOBRE DIVERGÊNCIAS IDEOLÓGICAS NA LUTA PELA CAUSA INDÍGENA P. 16

CEDI
Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Parantim n.º 19*
Data: *jun-jul/80*

Class.:
Pg.: *04*